

O suicídio de escravos em Cuiabá na segunda metade do século XIX.

Bruno Pinheiro Rodrigues

RESUMO:

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa que vem se desenvolvendo desde março de 2008, dentro do Programa de Pós-graduação em história da UFMT, onde procuramos os suicídios dos escravos que residiam em Cuiabá na segunda metade do século XIX, dentro de uma perspectiva micro-analítica, na qual buscamos cruzar as diferentes fontes encontradas – eclesiais, policiais, judiciárias, etc -, afim de entendermos a prática enquanto resistência individual, quiza, provida de concepções culturais africanas.

PALAVRAS CHAVES: historiografia; escravidão; suicídio; resistência.

ABSTRACT

The present paper is result from search what is if developing since March 2009, into of Program for postgraduate studies in history of UFMT, where we intent to analyze the suicide of slaves what lived in Cuiabá in the second half century XIX, into a perspective micro-analytical, in which trying cross the different sources found – ecclesiastical, police, judicial, etc. – in order to understand the custom while individual resistance, perhaps, provided with conceptions African cultural.

KEY-WORDS: historiography; slavery; suicide; resistance.

O estudo do suicídio de escravos tem se mostrado um ramo profícuo e intrigante dentro da historiografia brasileira contemporânea. Várias são as questões que surgem ao nos aprofundarmos no problema: o suicídio de tais escravos foi uma resistência individual ao sistema escravista? Resultado de heranças culturais africanas? Resultado de uma “mortal nostalgia” da terra natal (banzo)? Uma resposta a castigos recebidos? Ou um modo de ‘negociação’?

Bruno Pinheiro Rodrigues é mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa da Mato Grosso – FAPEMAT – e orientado pelo Prof. Dr. Ernesto Cerveira de Sena (E-mail: brunojihaad@yahoo.com.br).

É importante não perder de vista que grande parte das indagações que são postas, assim como os novos campos de reflexão que são possíveis dentro da historiografia, são tributários dos avanços teórico-metodológicos das últimas décadas, sobretudo após a “queda do muro de Berlim”, quando foi possível desfazer grande parte das visões preconceituosas sobre formas “arcaicas” de resistência e decifrar com maior precisão o contexto cultural dos escravos.

No que diz à escrita sobre o suicídio de escravos no Brasil, mesmo com todas as possibilidades que foram abertas nas últimas décadas, ainda temos uma bibliografia muito restrita, porém, marcada por grande interdisciplinaridade, como é o caso das três mais importantes referências nesta área de estudo: Ana Maria Galdini Raimundo Oda, Saulo Veiga Oliveira e Jackson Ferreira.

A primeira, Doutora em ciências médicas (UNICAMP), destaca-se pelo artigo intitulado “Escravidão e nostalgia no Brasil: banzo”, no qual de maneira exemplar e interdisciplinar, ao tratar da “história do banzo”, cruza a “história do tráfico transatlântico de escravos”, a história da psicopatologia e história das doenças. A segunda referência, Oliveira, tem importância, por sua Dissertação, defendida em 2007, em que por meio de uma análise de dados de suicídios de cativos e livres de 1870 a 1887, coletados do Jornal Gazeta de Campinas e relatórios provinciais, se lança no intuito de ‘reconstituir’ as visões correntes dos atos no período e desfazer as ditas “explicações simplificadoras” que afirmam exclusivamente ser causa de suicídios de escravos os “desgostos” provenientes do cativeiro.

A terceira referência, Jackson André da Silva Ferreira, cuja formação é especificamente histórica, se faz de grande relevância pela Dissertação defendida, cujo título foi “Loucos e pecadores: suicídios na Bahia no Século XIX”, e pelo artigo publicado na Revista Afro-Ásia (UFBA) intitulado “Por hoje se acaba a lida: suicídio escravo na Bahia (1850-1888)”. “Em ambos, a Dissertação e artigo, Ferreira efetua uma análise da mentalidade do período e dos discursos médicos-psiquiátricos sobre o suicídio, juntamente a dados estatísticos e relatórios de chefes de polícia.

Analisando a obra dos três autores citados acima, logo se nota que se trata de um ramo historiográfico muito recente no Brasil. O que não significa, porém, que são os primeiros estudiosos que dedicaram atenção ao tema, pois na historiografia da escravidão brasileira, vemos várias menções do suicídio de escravos (não tão enfáticas quanto às de cima), como por exemplo em Freyre (1997), José Alípio Goulart (1972), Venâncio (1990) e Karasch (2000) e Mattoso (1988).

No que diz respeito à historiografia de Mato Grosso, a situação “restrita” não se altera muito, posto que na atualidade não existe nenhum trabalho que trate do tema especificamente, mas apenas menções distribuídas em parágrafos aleatórios em obras, como a de Luiza Volpato em “Cativos do Sertão”, em que esta faz referência a alguns documentos que apontam o principal modo utilizado pelos escravos e escravas de Cuiabá para dar cabo à própria vida – afogamento – e afirma que os “excessos de castigos” poderiam ser a causa da morte voluntária dos mesmos (VOLPATO, 1993), ou em obras como a de Maria de Lourdes Bandeira – “Território negro em espaço branco” -, na qual a autora destaca a importância do Quilombo do Piolho, também conhecido como “Quariterê”, organizado na região de Vila Bela, em que sua Rainha, Teresa de Benguela, ao ver a ruína do seu quilombo, tomado por uma acesso de furor, se matou (BANDEIRA, 1988).

Ao nos enveredarmos, portanto, neste novo viés de pesquisa, temos a diante, inúmeras possibilidades de pesquisa, uma vez que é mais do que comprovada a existência de documentos, dos mais variados “tipos”, que registram a prática da “morte voluntária” entre os cativos.

Mas cabe ressaltar que a extensão deste registro, varia de região para região. Como é o caso, se compararmos os registros de suicídios apontados por Ferreira na segunda metade do século XIX na Bahia, e os encontrados, até o presente momento nesta pesquisa que começamos a desenvolver, em Cuiabá, também na segunda metade do século XIX. Na ocasião, Ferreira, localizou em 228 maços policiais do APEB (Arquivo Público do Estado da Bahia) a quantia de 524 suicídios, dos quais foi possível saber a origem de 451 casos: 210 escravos, 211 livres e 30 libertos.

Em Cuiabá, por outro lado, foram encontrados em Inquéritos Policiais do APMT (Arquivo Público do Estado de Mato Grosso) da segunda metade do século XIX, o registro de 9 suicídios, dos quais 6 referentes à década de 50, 2 à década de 60 e 1 na década de 70.

Este aparente baixo-índice de registro de suicídios de escravos em Cuiabá parece não corresponder com as preocupações do Chefe de polícia Firmo José de Matos, em 1865, quando este fala ao então Presidente da Província de Mato Grosso, Barão de Melgaço, por meio de um ofício, que as possíveis motivações dos suicídios de escravos, poderiam ser os “excessos de castigos” (VOLPATO, 1993: 174).

Tese, que à primeira vista, se mostra coerente, quando, dentre os casos de suicídios localizados até o presente momento, vemos que entre eles, 2 cativos suicidas, o escravo “Sabino” (crioulo) e a escrava Benedicta, pertenciam ao mesmo senhor, o Tenente João Albuquerque e Silva. Sabino se suicidou em 1856, e Benedicta em 1859, ambos, por atirarem-

se num poço, para morrerem afogados. No primeiro caso, no “Corpo de delito” realizado no corpo de Sabino, o escrivão afirma que não foi encontrado “lesão” ou deformidade alguma, mas seus braços estavam atados (no inquérito o escrivão do caso, Joaquim José Cortaso Arinas, diz que o próprio escravo se atou antes de se atirar no poço); no caso de Benedicta, não há menções quanto a existência ou não de lesões, que pudessem apontar possíveis castigos aplicados na escrava, somente de que ela estava menstruada e que por isso, morreu uma hora após ter se jogado no poço.

O caso de Sabino e Benedicta é um tanto curioso. Primeiro, pelo fato dos braços de Sabino estarem atados – seria mesmo Sabino que os atou? Segundo, pelos suicidas pertencerem ao mesmo dono – no Corpo de Delito de Sabino não consta presença de “lesões”, porém, o que teria acontecido para que cativos do mesmo senhor se matassem num curto período de tempo? Terceiro, por que o suicídio por afogamento?

A primeira questão (caso de Sabino), pelo fato de não termos ainda documentos suficientes para uma “afirmação”, apenas podemos colocar em dúvida se de fato Sabino se suicidou, pela hipótese do “suicídio” ter sido usado para possivelmente ocultar um assassinato.

Jackson Ferreira dá um exemplo de “ocultação de assassinato” por meio do suicídio, quando fala da morte do escravo Damião, em 1862, quando este, depois de receber uma surra e ficar tão debilitado a ponto de não conseguir se levantar, veio a falecer. Seu senhor, Sinfrônio Simões Ferreira, para não receber a culpa da morte de Damião, colocou uma corda em seu pescoço para simular suicídio. Outro aspecto desta “ocultação”, é possível de ser pensado, quando Karasch relaciona, a partir das consultas aos maços policiais, a quantidade de cadáveres encontrados boiando nas praias com a forma que eram registrados – cor, nacionalidade e sexo. Muitos destes foram tidos como suicídios, porém, tudo leva a pensar que em alguns casos, foram formas de “escamotear” assassinatos ou castigos severos (Apud FERREIRA, 2004: 201).

Na segunda questão (Sabino e Benedicta pertencentes ao mesmo senhor), pela lacuna documental existente, ainda não é possível saber quais eram as relações entre o Tenente João de Albuquerque Silva e seus escravos, entretanto nos chama a atenção o fato de dois escravos do mesmo terem se suicidado em questão de anos, sendo que o primeiro, ainda tenha amarrado seus braços – caso tenha sido ele, nota-se uma grande convicção quanto à sua decisão.

A terceira questão que se levanta em relação ao suicídio de Sabino e Benedicta está relacionada à forma – o afogamento. Analisando os outros casos encontrados em Cuiabá,

somente 1, com exceção dos dois mencionados, é por afogamento, que é o da escrava Silvéria, em 1859 (mesmo ano do de Benedicta). Os outros, 2 são por tiros de arma de fogo disparados contra eles mesmos – Antonio Pereira do Lago (1854) e Domingos (1860) -, 2 por enforcamento - Antonio Gomes da Silva (1864) e Benedicta de Nação (1871) – e outros 2 por se degolarem - Anna “crioula” (1856) e Firmino (1859).

Existe um certo equilíbrio entre os dados encontrados e os modos de suicídios: afogamento, enforcamento, arma branca e arma de fogo. Sobre os “modos” de suicídio, Ferreira também faz uma discussão extremamente pertinente, quando primeiramente dispõe uma tabela em que identifica e quantifica as principais maneiras e tentativas de suicídios na Bahia (1850-1888), depois problematiza alguns índices, tais como a baixa taxa de suicídios de escravos com arma branca, ao passo que taxa de “tentativas” de suicídios, inseridas na mesma modalidade foi alta. Segundo este, quiça, o recurso a tal maneira de dar cabo à vida, poderia ser uma tática para pressionar a negociação – daí se explica a alta taxa de tentativas. Outra questão interessante, levantada, se nas possíveis relações culturais com as “modalidades de suicídio”, quando este menciona o artigo de Willian Pierson, em que este diz sobre a preferência da ‘modalidade’ de suicídio adotada pelos escravos originários da Costa do Ouro, na África, que era a de cortar a própria garganta, e quando novamente traz Karasch ao discutir a adoção do “afogamento” com as relações culturais africanas, que possivelmente significariam que os escravos acreditavam num retorno à África, e a água seria uma barreira (Kalunga). (FERREIRA, 2004: 223).

Estariam, Sabino (crioulo), Benedicta e Silvéria embasados em concepções culturais africanas de morte? No atual momento, está é uma questão que fica aberta, e que necessita de uma pesquisa mais profunda e paciente sobre os referidos casos, mas sobretudo, sobre a influência de escravos africanos na então capital da Província de Mato Grosso, Cuiabá, da segunda metade do Século XIX.

Estavam, estes 9 cativos suicidas encontrados nos Inquéritos policiais, resistindo ao sistema escravista e todo o corolário de códigos de valores cristãos e ocidentais, implicados no mesmo?

Atualmente, a abordagem do suicídio como o fenômeno mais radical e violento de “resistência individual”, de recusa ao sistema escravista, é comum a quase toda massa de pesquisadores do suicídio escravo. Cabe ponderar, no entanto, duas questões: primeiro, que o conceito de “resistência escrava”, abarca hoje não somente ações violentas (rebeliões, quilombos, sabotagens, homicídios, suicídios, infanticídios), como também ações não-violentas (negociações, ações judiciais, etc); esta ampliação do conceito, que até início da

década de 90 no Brasil se restringia principalmente às ações violentas, se deu, por exemplo, devido a obras inovadoras como “Negociação e conflito” de João José Reis e Eduardo Silva (1989). A segunda questão que se coloca é quanto ao risco da expansão do conceito de resistência, expresso por Matthias Röhrig Assunção: “se o mero ato de respirar – para sobreviver! – já constitui ato de resistência, qual é a utilidade deste conceito para entender a dinâmica entre a estrutura escravista e agência escrava?”. Para resolver este risco Assunção afirma: é preciso examinar a relação entre os diferentes tipos de resistência escrava, o contexto institucional no qual estavam inseridos e político mais amplo (ASSUNÇÃO, 2006: 342-351).

Uma análise do suicídio, como Georges Minois ressaltou, é repleta de dificuldades, a principal, é que em muitos casos no Ocidente, particularmente, os suicídios foram ocultados pelos próprios familiares, por ser pecado aos olhos da Igreja e por ser crime para o direito jurídico. No caso dos escravos, a questão possivelmente se inverte, quando alguns suicídios possam ter sido utilizados para “ocultação” de assassinatos, já que na concepção vigente no sistema escravista, escravos não tinham alma, por isso, não faria a menor diferença se fossem direto para o inferno, na crença cristã (MINOIS, 1995).

Mas estas são questões que merecem ser investigadas em pesquisas futuras, num cruzamento entre diversas fontes: jornais do período, documentos eclesiásticos (principalmente óbitos), Inquéritos policiais, códigos de posturas, entre outros. O tema, suscita várias questões, é numa rápida pesquisa bibliográfica e documental, se mostra rico e fecundo.

BIBLIOGRAFIA:

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. “A resistência escrava nas Américas: algumas considerações comparativas”. In: LIBBY, Douglas Cole; FURTADO, Junia Ferreira (Org.). Trabalho livre, trabalho escravo: Brasil e Europa, séculos XVIII e XIX. São Paulo: Annablume, 2006.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. Território Negro em espaço branco. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

FERREIRA, Jackson André da Silva. “Loucos e pecadores: suicídio na Bahia no século XIX”. Salvador, BA: Dissertação apresentada para obtenção de título de mestre no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, 2004;

_____. “Por hoje se acaba a lida: suicídio escravo na Bahia (1850-1888). Afro-Ásia, Salvador, V.31, pp. 197-234.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 25ª ed.. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. p. 464-65.

GOULART, José Alípio. “*Da Fuga ao Suicídio: Aspectos Da Rebeldia Dos Escravos no Brasil*”. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

KARASCH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850) São Paulo, Companhia das Letras*, 2000.

MATTOSO, Kátia de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. 3ª ed.. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ODA, Ana Maria Galidini Raimundo. “Escravidão e nostalgia no Brasil: banzo”. Trabalho apresentado no Simpósio “Escravidão, tráfico, raça e pathos: novas perspectivas da história das moléstias dos negros cativos no Brasil”. Publicado também em suplemento especial sobre a saúde dos escravos, na Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, volume 11, setembro de 2008.

OLIVEIRA, Saulo Veiga. *O suicídio de escravos em Campinas e Província de São Paulo (1870-1888)*. Campinas, SP: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, 2007.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

VENANCIO, Renato Pinto. *A ultima fuga: suicidio de escravos no Rio de Janeiro (1870/1888)*. Revista de Historia, Ouro Preto, UFOP, v. I, n. 1, 1990.

DOCUMENTOS CONSULTADOS:

APMT, Auto de Exame e Corpo e Delito direto no escravo Antonio Pereira do Lago; Fundo: Cartório do 2º Ofício, Série Penal, Caixa 129.

APMT, Cartório do 2º Ofício, Série Penal, Corpo de Delito no escravo Sabino (crioulo), Caixa 129.

APMT, Cartório do 2º Ofício, Ofício encaminhado por Porfírio informando o suicídio de Anna na delegacia do 2º Distrito de Cuiabá em 1856, Caixa 105.

APMT, “Corpo de delicto do cadáver de Firmino”, Fundo: Cartório do 2º Ofício, série penal, caixa 129.

APMT, Cartório do 2º Ofício, Série Penal, Corpo de Delito na escrava Benedicta, Caixa 112.

APMT, Cartório do 2º Ofício, Série Penal, Corpo de delito da escrava Silvéria, Caixa 112.

APMT, Cartório do 2º Ofício, Série Penal, Corpo de delito do escravo Domingos, Caixa 112.

APMT, Cartório do 6º Ofício, Série Penal, Corpo de delito no Cadáver de Antonio Gomes da Silva (preto velho FORRO), Caixa 163, ano de 1864.

APMT, Ofício do Chefe de Polícia Ernesto Julio Badeira de Mato, Caixa 01, Maço Ant. 125, 1871.